

O BRINCAR LIVRE E DIRIGIDO: UMA PERSPECTIVA SÓCIO-INTERACIONISTA¹

CEI Vila Inglesa - unidade parceira - 2020

SME-SP - DRESA

O brincar livre e o brincar dirigido tem sido fonte de grandes discussões na Educação Infantil. Dentre tantas opiniões, há aqueles que defendem o brincar livre como única possibilidade para bebês e crianças pequenas e colocam o brincar dirigido como um entrave a um desenvolvimento saudável. Também há quem, embora não diga, aja como se o brincar livre não fosse de responsabilidade da escola, sendo ela apenas responsável por dirigir, de forma restrita, as brincadeiras de bebês e crianças. Não concordamos com nenhuma dessas teorias, para nós, tanto o brincar dirigido quanto o livre são fundamentais na prática pedagógica de uma escola que respeita a infância, compreende as particularidades de cada faixa etária e promove ações em prol do desenvolvimento, ampliando possibilidades de relações e interações.

Ao estudarmos as diferenças, nos deparamos com diversas caracterizações do brincar dirigido como algo imposto pelo adulto, não permitindo a reprodução interpretativa por parte das crianças, que se sentem obrigadas a cumprir com as solicitações do adulto, que assume uma postura de “comandante” da brincadeira. Essa não é nem pode ser a visão do brincar dirigido em uma escola construtivista. Para nós, a questão central e de necessária reflexão é: como está sendo feita a direção da brincadeira?

Quando um adulto apresenta uma brincadeira tradicional, por exemplo, ele a dirige, pois quer passar as regras para a criança que brinca. Todavia, o adulto, especialmente na escola da infância, não pode ficar bravo se as crianças não seguirem as regras ou se, ainda, mudarem as regras no meio do caminho. Isso porque a cultura lúdica permite tais reinterpretações e é visibilizando essas novas formas de brincar que valorizamos as produções da infância.

¹ Texto elaborado de forma coletiva pela equipe do CEI Vila Inglesa em 2020 após estudo sobre memória, culturas e brincadeiras. Para citar: CEI Vila Inglesa. **O brincar livre e dirigido: uma perspectiva sócio-interacionista**. Disponível em: <inserir url>. São Paulo, SP: 2020.

Compreendemos, então, que a brincadeira não pode ser dirigida e direcionada a ponto de que as crianças não tenham autonomia para modificá-la e vivenciá-la de outras formas. Todavia, também entendemos que a brincadeira livre deve ser proposta de forma intencional pelo educador. Neste sentido, tanto na brincadeira dirigida quanto na brincadeira livre há a intenção do educador. Na livre, porém, a criança fará suas próprias descobertas sem interferência direta da fala do adulto. Isto é, o adulto disponibilizará material, espaço e tempo para que a criança elabore sobre o que quiser.

Entendendo, porém, que fazemos parte de uma instituição escolar, não podemos deixar de lembrar da necessidade de que haja aprendizagem. Aprendizagem é foco e função da escola, sendo as interações e as brincadeiras as principais formas de garanti-la. Com isso em mente, buscamos em Vygotsky as informações necessárias para a compreensão do desenvolvimento do bebê e da criança.

Quando uma escola que respeita a infância e compreende o desenvolvimento das crianças vai propor uma brincadeira dirigida, ela não pode propor uma brincadeira que esteja fora da zona de desenvolvimento proximal (ZDP) daquele grupo. Isto é, nem muito além da ZDP, de forma que a criança ou o bebê não consiga realizar a proposta nem com ajuda, nem muito dentro ou abaixo do desenvolvimento real dos indivíduos, de forma que não apresente nenhum desafio e a ajuda seja desnecessária, sendo, então, a brincadeira dirigida dispensável.

Quando entendemos que é papel da escola potencializar o desenvolvimento e a aprendizagem da criança, se só oferecemos brincadeiras dentro do nível de desenvolvimento do grupo, não se cumpre o seu papel, isto é, não se potencializa as aprendizagens. Nossa diferença central com os adeptos das pedagogias transmissivas é, portanto, a forma como a brincadeira direcionada acontece. Em nossos estudos, que compreenderam leituras e análises de vídeos de brincadeiras, chegamos à conclusão de que a educação dita tradicional não leva em consideração os conhecimentos prévios das crianças e nem as criações delas.

Para nós, o brincar dirigido deve estar sempre entrelaçado ao brincar livre, pois por meio deste refletimos sobre nossa prática pedagógica. O brincar livre nos direciona a elaboração de novas vivências que levem a criança a atingir uma

aprendizagem mais elevada. Não queremos dizer, com isso, que com o brincar livre não há aprendizagem, mas que as intervenções pontuais e a intencionalidade do educador são importantes para ampliar as possibilidades.

É adquirindo novas experiências que a criança poderá aperfeiçoar o brincar livre - e nós, enquanto educadores, não podemos acreditar que esse desenvolvimento se dá sem as intervenções dos adultos que, conscientes dos desejos e necessidades da faixa etária, propõe, de maneira intencional, determinada brincadeira. Ao associar o brincar livre ao brincar dirigido, é possível alcançar de forma global o desenvolvimento das crianças.

Neste sentido, deve-se ressaltar que não é porque o professor tem intenções pedagógicas que impede as crianças de brincarem livremente, muito pelo contrário, pois as intenções existem para permitir e qualificar esse momento de brincar. Talvez essa seja uma linha tênue para muitos, mas dirigir uma brincadeira não pode ser sinônimo de restringi-la. O professor deve agir, também durante as brincadeiras, enquanto um mediador e um provocador, possibilitando que as aprendizagens se ampliem continuamente.

Entendemos, portanto, o brincar livre e o dirigido como essenciais para um trabalho pedagógico qualificado. Fizemos esforços para evidenciar algumas das potências das duas formas de brincar. O brincar dirigido auxilia a ampliar conhecimentos, expandir o repertório de brincadeiras, apresentar outras culturas, desenvolver a autonomia, a coordenação motora, a criatividade e outras competências da criança. Já o brincar livre permite que o educador descubra os interesses e dificuldades do grupo por intermédio da escuta e observação. Além disso, o brincar dirigido e livre auxiliam na construção da identidade cultural das crianças, ampliam o conhecimento de si, do outro e do mundo, contribuem para que tenham uma vida adulta feliz, tornando-se sujeitos críticos e participativos, atuando democraticamente na sociedade.

Por fim, o principal objetivo do trabalho dirigido é o desenvolvimento da aprendizagem da criança. Sabemos que a criança aprendeu quando ela leva para a brincadeira livre os conhecimentos que adquiriu por intermédio do brincar dirigido. Essa é uma das formas de avaliação que utilizamos na instituição: a observação do

que a criança é capaz de ressignificar, atribuindo novos sentidos e significados, aplicando conceitos para uma nova realidade.

Em resumo, as duas formas de brincar se complementam, mas ao pensar a escola de educação infantil deve-se pensar fundamentalmente em algo que une as duas: a intencionalidade. A ação consciente e planejada pelo professor está presente nas duas maneiras de brincar. Diante das duas experiências do brincar não podemos desprezar o papel do adulto, pois ele é fundamental na mediação da aprendizagem. É preciso observar as duas formas, pois uma pode surgir a partir da outra e muito os bebês e as crianças têm a nos dizer com essas formas do brincar. Nesse momento, a escuta ativa e sensível é fundamental, pois é ela que permite o adulto conscientemente saber os passos a seguir sem, no entanto, tirar o protagonismo dos bebês e das crianças.

A seguir, alguns mapas mentais e uma tabela criada pelas professoras:



Figura 1: mapa mental elaborado pelas professoras Daniella Campilongo e Patrícia Araújo.

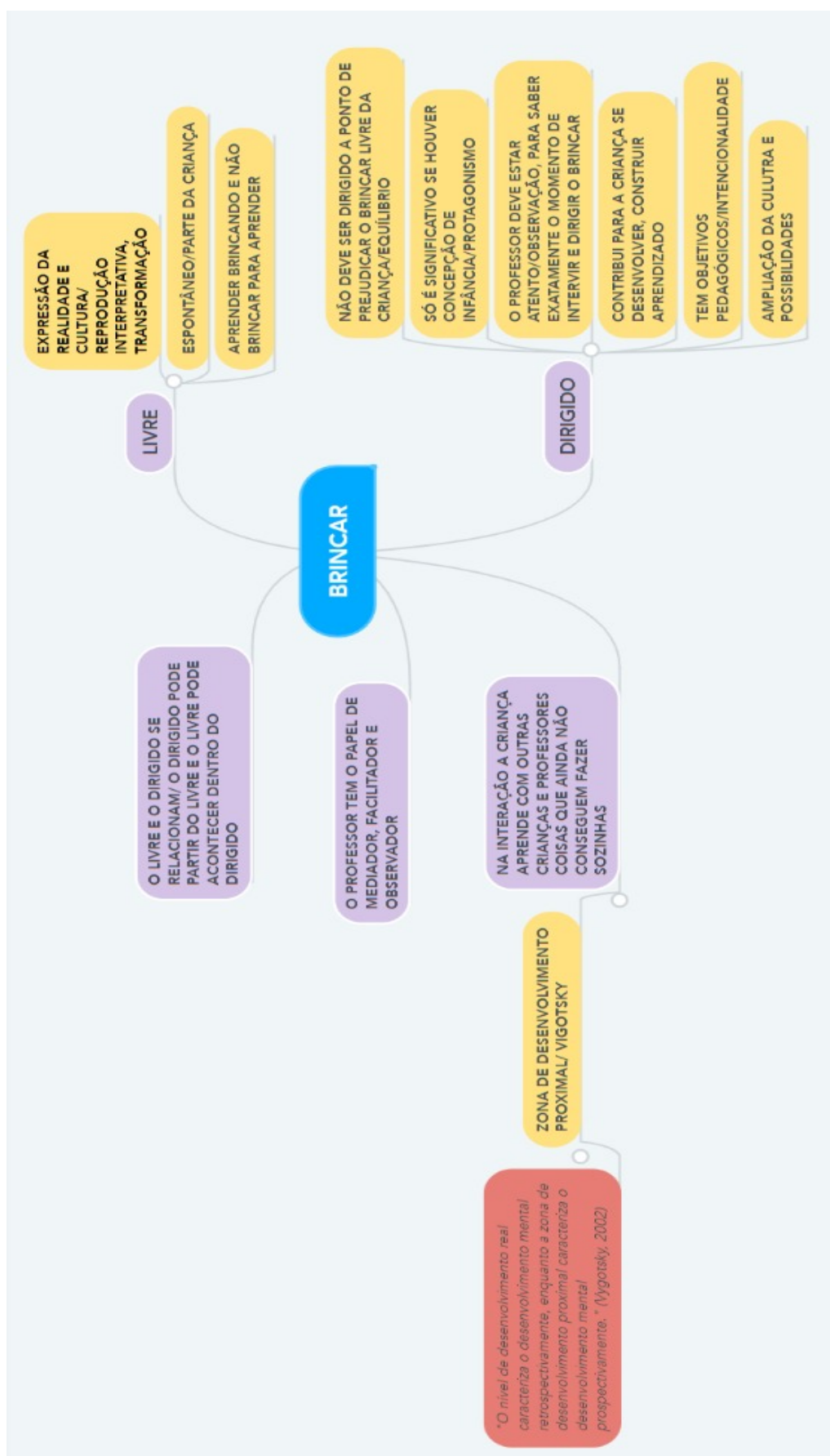


Figura 2: mapa mental elaborado pelas professoras Caroline Rodrigues e Janaína Viana.

Brincar livre	Brincar dirigido
É espontâneo	É induzido
A criança escolhe a brincadeira	O educador sugere a brincadeira
É voluntário	É voluntário também
As regras são ditadas e comandadas pela própria criança	As regras são ditadas e comandadas pelo educador ou por outra criança, geralmente um parceiro mais experiente.
Controlado pela própria criança (tempo e ritmo)	Tempo e ritmo controlado pelo educador ou por uma criança
Liberdade e autonomia	Relaciona novos conhecimentos com os que a criança já possui
Exploração da sua própria criatividade	O educador atua como orientador, sem reprimir as expressões das crianças
É ousado	Observa o brincar livre para gerar outras brincadeiras
Participação ou não do educador	Há um roteiro pré- estabelecido
Não há metas a serem cumpridas	Há objetivos a serem alcançados
Propicia a fantasia	Acontece no coletivo ou em dupla
Investiga a si próprio, o mundo e suas interações por meio de um impulso interior	Trabalha o concreto
Sabedoria da criança	Sabedoria do adulto, de culturas tradicionais
Ocorre em grupo ou individual	Pode ocorrer em grupo ou individualmente, sendo mais raro ocorrer individualmente.

Figura 3: tabela elaborada pelas professoras Cláudia Araújo, Debora Burczak., Paola da Silva e Priscila dos Santos.

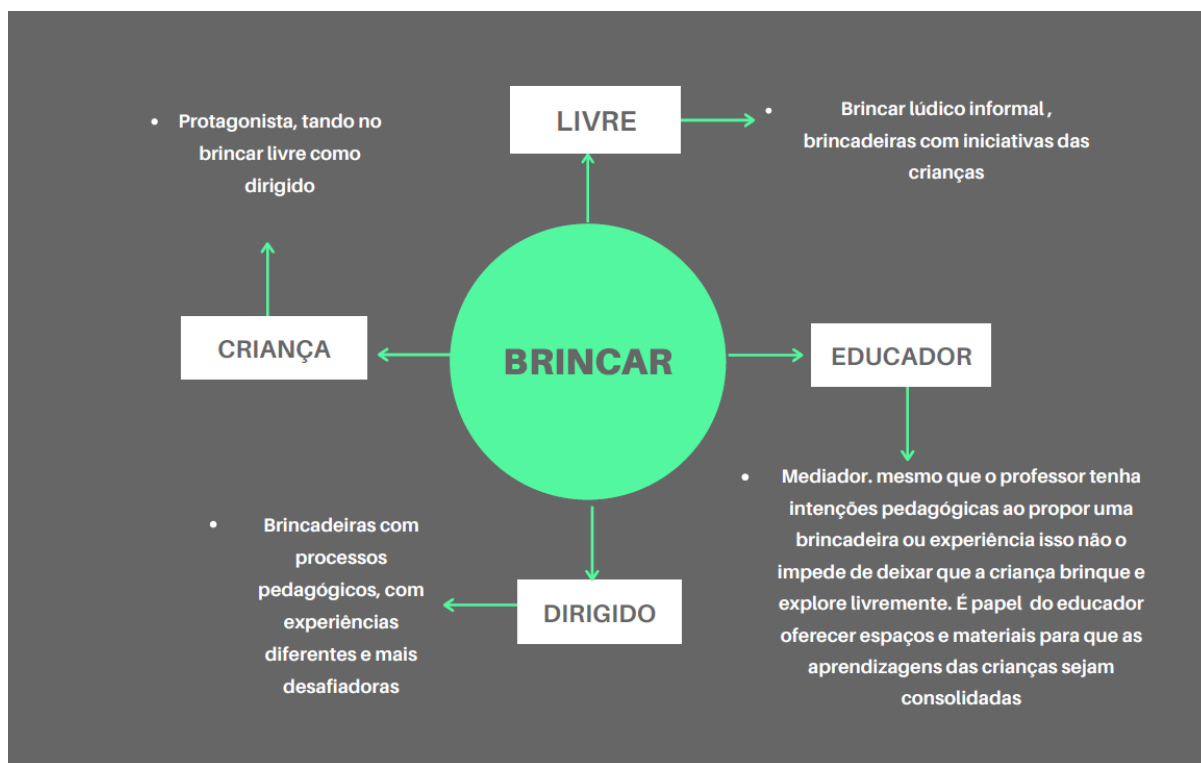


Figura 4: mapa mental elaborado pelas professoras Sandra Camassari, Sílvia da Glória, Soneide de Sousa e Tamires Araújo.